

Nós e eles: narrativas e depoimentos para dias nublados

Edição de Texto: Jully Ana Mendes, Paula Bułka
Durães e Thiago Fedacz Anastacio
Artes e Fotografia: Chananda Lipszyc Buss
Diagramação: Thiago Fedacz Anastacio
Edição de imagem: Jully Ana Mendes
Orientação: José Carlos Fernandes





Sombra

Autores:

Cecília S. Sanchez

Isabella Leandra Honório

Jéssica Holanda

Luisa da Costa Mattos Silva

Paula Bulka Durães

Thiago Fedacz Anastacio

O dia em que o símbolo da má sorte encheu uma família de esperança

Em um ano novo, um gato preto recém-adotado foi perdido faltando minutos para a virada

Por Cecilia Sizanowski Sanchez

No final de 2019, não havia muita animação para o ano novo. A reunião entre amigos que havia sido combinada para a ocasião não aconteceu. Isso porque a maioria foi viajar, assim como o resto da família. Já eu, fiquei em casa com meus pais e minha avó. Nossa família não se configurava exatamente como uma “propaganda de margarina”, mas a união era mais do que suficiente para celebrar uma virada de ano juntos.

Além disso, havia um integrante novo na família, encontrado abandonado em uma caixa de papelão no início de dezembro. Galton é um gato preto, exatamente igual a milhares de outros gatos pretos. E na ocasião, um filhotinho. O seu único diferencial, que impede que sua família o confunda com outro gato igual, é uma pequena cicatriz no lábio inferior. Ele conseguiu essa marca quando confundiram seu potinho de ração com o potinho da cadela da casa, Connie, que ficou, sem dúvidas, enciumada.

Eu, meus pais e Galton fomos passar o ano novo com a minha avó, que é nossa vizinha. A parte de fora da casa dela, onde ficamos, é o ambiente perfeito para reuniões familiares. O espaço é coberto, tem grandes portas de vidro que dão para o quintal e uma mesa enorme. No quintal, há uma laranjeira carregada e uma ameixeira que não dá frutos há anos.

A noite começou tranquila demais para um ano novo, então foi colocada música. Em seguida, decidiu-se alternar, de forma que um de cada vez decidiria a música que iria tocar. A avó colocava sertanejo e bossa nova. O pai colocava músicas antigas uruguaias. A mãe esco-

lhia majoritariamente rock dos anos 80. E eu preferia músicas que estavam fazendo sucesso no momento. Essa dinâmica de decisão funcionou tão bem que, entre cantorias e coreografias, não foi perceptível nem a passagem do tempo nem a passagem do gato, que não tendo direito a escolher nenhuma música, resolveu ir a outro lugar.

A ausência de Galton só foi percebida por volta das 23h30, quando todos se dispuseram a procurá-lo de imediato. Todo o quintal foi vasculhado, até mesmo em cima das árvores, ainda que ele não soubesse subir nelas. Em seguida, buscou-se de esquina a esquina em volta da casa. Nada. O clima estava pesado, o pai estava bravo e decidido a achar Galton. A avó já havia desistido, a mãe estava visivelmente preocupada. Eu estava quieta. Focada em não chorar porque já não tinha esperanças de encontrar o gatinho, ao qual desenvolvemos tamanha afeição. O ano seria virado sem ele.

Quando todos já estavam desistindo, ouviu-se um barulho. Não um barulho alto como os fogos que viriam, nem mesmo como um miado. Era um barulho miúdo, que somente eu ouvi. O ruído era de folhas balançando. Que seria somente mais um ruído, se não fosse o fato de que durante o dia inteiro não havia soprado uma única brisa. Indo em direção ao quintal ouvi novamente. Estava vindo de cima da ameixeira. Olhando para cima vi as sombras dos galhos, mas uma se diferenciava. Disfarçado de sombra com a pelagem preta, lá estava ele. Galton, desajeitado e nervoso, não sabia como descer, pois era a primeira vez que conseguiu subir em uma árvore. Mas ainda assim, ficou sem miar por socorro, porque estava determinado a descer so-

zinho. Para a tristeza dele, sua tentativa não foi concluída. Eu mesma o tirei de cima da árvore.

Nesse momento, se ouviram fogos ao longe. Eram 23h58. Nos 45 minutos do segundo tempo, o gato foi encontrado. Todos correram para a frente da casa, onde tinha visão ampla para o céu e dos fogos. O pai estava carregando copos e uma champanhe. Olharam o relógio. Já era um novo ano. Com o gato no colo e sorrisos nos rostos a champanhe foi bebida e abraços foram dados, desejando o que no fundo tínhamos certeza que seria um ótimo ano. E assim começava 2020: o ano da pandemia.

Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo... Amém?

Como uma adolescente descobriu na Igreja que ali não era o seu lugar

Por Jessica de Holanda

Quando eu ainda era adolescente, tinha dúvidas sobre minha religiosidade. Era setembro de 2017, quando a mãe de uma amiga me pediu para que acompanhasse a filha em um retiro. Não fiquei nada contente, mas falei que iria. Não podia recusar já que era minha melhor amiga na época e estávamos sempre juntas.

Quando chego na igreja, me deparo com ela ainda em construção. As paredes eram todas brancas, algumas cadeiras de plástico e as janelas pareciam aquelas vitorianas, mas ainda não havia vidro. Que aborrecimento. A última vez que havia pisado em uma igreja foi em 2015, quando finalmente crismei e estava livre de ir à catequese e às missas. O que me fazia passar o tempo era olhar a arquitetura, pinturas, vidraças e até mesmo a reação das pessoas. E ali, já não teria mais com o que me entreter.

Como a igreja estava em reforma ficamos em outros lugares, como o salão de eventos, onde fazíamos as refeições e algumas atividades. Também fomos em algumas casas de uma região mais pobre levar a palavra de Deus aos moradores. Quando me lembro tenho pavor... me vem a lembrança das aulas de história: jesuítas no Brasil catequizando os índios no século XVI.

No último dia, sempre fazem algo para gerar emoção e reflexão. E dessa vez, não foi diferente... Fomos em outra parte da igreja. O lugar era arredondado, tinha janelas enormes, mas não se via nada, já era noite. O piso era preto e as paredes de tijolinhos cor creme. Exceto uma. Era uma parede de mármore e atrás dela havia muita iluminação, para destacar o que havia na frente: o Santíssimo. Um objeto magnífico de cor dourada. Sua parte principal é redonda cheia

de pontas e tamanhos desiguais, no centro dele há uma hóstia. É de grande significado para a Igreja Católica. Cristo está ali.

Todas as pessoas no local se ajoelharam. No começo, apenas uma pessoa em pé falando belas palavras, de tocar o coração. Em seguida há uma música, sem letra, só uma melodia calma. Vão se passando minutos e quando vejo a maioria está em prantos. Eu, intacta. Resolvo encarar aquele objeto sagrado, quero sentir alguma coisa também... E senti. Me veio a confirmação, e pela primeira vez naquele lugar eu me senti feliz.

Quando acabou, todos se abraçaram, e uma mulher de meia idade veio me abraçar. Sorridente ela me pergunta:

- Sentiu, querida?
- Não, eu respondo.

Abismada e com olhar de pena, ela me diz:

- Vou rezar para que você sinta da próxima vez.

Eu saí dali enfurecida. Mais do que nunca, queria ir embora daquele lugar. Ela queria que eu vivenciasse a presença de Deus. Enquanto senti um alívio imenso: de liberdade. Sempre tive uma relação complicada com o Altíssimo. Eu não gostava da religião, da Bíblia, da missa, e com isso vinha a culpa por não prezar isso. Porém, não me senti mais assim... Naquele momento tive a certeza que não precisava mais falar que tinha uma religião ou que acreditava em Deus.

Dois anos se passaram e minha avó resolveu ir ao Santuário Nacional de Nossa Senhora Aparecida. Diferente do retiro, que fui com desprezo, para Aparecida fui porque queria. Havia visto muitas vezes na TV e me parecia deslumbrante. Ao chegar, vi pessoas caminhando de joelhos no chão, pagando promessas que foram realizadas, quando a temperatura era aproximadamente de 30°. Eu estava ali para ver a fé das pessoas, ver cada detalhe do tão famoso Santuário. Era parte da experiência cultural... Mas para minha avó não. Ela iria fazer uma promessa. E fez. Pediu para eu passar no vestibular.

No ano novo, pulei sete ondas. Dizem que é para Iemanjá, mas não me importo, e pedi para passar na UFPR...

Em janeiro, descobri que sou caloura de Jornalismo. Dei duro para entrar, aliás, foram dois anos de cursinho. Mérito meu, com ajuda de excelentes professores e apoio de amigos. Mas quem sabe não tive ajuda divina? Já dizia Caetano Veloso em um trecho de sua música: "Quem é ateu e viu milagres como eu..." Quem somos nós para dizer se existe ou não?

「 E a religiosidade que estava
inacessada, quando por fim
cortada, foi liberada. 」



Memórias da ditadura e café da tarde

Uma breve visita aos Anos de Chumbo depois da aula

Por Isabella Leandra Honório

O professor de Sociologia comentou casualmente, durante uma aula, que um ex-guerrilheiro fundador da Vanguarda Popular Revolucionária (VPR) morava a cinco minutos do colégio. Cruzei olhares com minha amiga. Estava decidido: precisávamos encontrá-lo. Procuramos o professor depois da aula para tentar descobrir alguma coisa. Tratava-se de Pedro Lobo, um homem de 89 anos que, para a nossa sorte, gostava de visitas.

O caminho para chegar até ele foi o seguinte: pedir para uma colega de classe entrar em contato com sua avó, que era amiga de uma vereadora do Partido dos Trabalhadores, para que ela nos passasse o contato de Pedro Lobo. Amélia Naomi nos recebeu em seu gabinete, no qual aproveitamos para fazer uma curta entrevista - que não chegou a ver a luz do dia - e pedir um favor. Marcamos uma data para ir até a casa de Pedro. Passei a semana pesquisando sobre quem era o tal guerrilheiro que iríamos encontrar. Anotei todas as perguntas que me surgiram na cabeça em um caderninho preto, mas mesmo assim, ainda não sabia bem o que eu queria indo até lá.

No papel com o endereço, uma observação: a casa poderia ser facilmente encontrada pela bandeira do Brasil hasteada no quintal. Um homem que caminhava com certa dificuldade abriu o portão com um sorriso no rosto e nos convidou para entrar. Uma casa que parecia ter parado nos anos 1980: móveis de madeira escura, vários relógios na parede e capinhas de crochê cobrindo tudo o que era possível. Logo que nos acomodamos no sofá, sua única pergunta foi: "Quanto tempo vocês têm?". Tínhamos a tarde toda. Percebi que meu caderninho de perguntas não serviria de muita coisa, porque ele já sabia, talvez mais do que nós, o que queríamos com aquela visita. Pedro colocou uma caixa de papelão em cima da mesinha de

centro e começou a tirar documentos, fotos e o livro "Pedro e os Lobos", do jornalista João Roberto Laque.

Pedro Lobo começou a nos contar sobre sua vida em detalhes. Sobre como foi parar em São Paulo e entrou para as Forças Armadas. Seu tom de fala era leve, capaz de nos transportar no tempo e sentir como décadas de história tivessem se passado em algumas horas. Contou-nos sobre como o Golpe Militar de 1964 foi arquitetado, e como ele, um militante pela Reforma Agrária foi denunciado e exonerado do exército. Sua afinidade com os trabalhadores do campo o impulsionou a se filiar ao Partido Comunista Brasileiro, e após estudar o marxismo participou da fundação da VPR, além de ter atuado como guerrilheiro urbano contra a ditadura. "Buscávamos a revolução!", disse ele aumentando a voz.

Em alguns momentos, pareceu uma conversa distraída, em outros, uma aula sobre esse período sombrio do país. Me senti muito privilegiada de poder estar ali e ouvir seu relato pessoalmente. Ele contava sobre Capitão Carlos Lamarca, Luís Carlos Prestes e Mari Ghella, seus companheiros de luta. A sensação de escutar aquelas histórias era a mesma de ler um livro longo. Mas qual livro poderia me contar com tantos detalhes sobre como Prestes se sentia antes de uma viagem a São Paulo?

Pedro Lobo, então, nos olhou nos olhos e anunciou que iria começar a falar de tortura. Consentimos com a cabeça, em silêncio. "Começou a tortura, pendurados nus, interrogados e levando choques, eu aguentei. O DOPS interrogava, quebravam as costelas, os ossos da coluna." Seus óculos de lentes grossas ficaram levemente embaçados, algumas lágrimas acompanhavam o contorno de seu rosto

enquanto ele lembrava do nome de cada guerrilheiro que morreu ao seu lado. Senti uma pontada no coração, percebi que meus olhos estavam prestes a ceder ao choro. Droga, eu nunca tinha chorado na frente de ninguém. Fiquei em choque. “Eu cheguei a perdoar quem falava, porque a tortura é algo muito difícil. Eu nunca cheguei a falar porque tinha consciência do que seria trair”. Sua voz foi se acalmando, e eu também.

Pedro nos convidou para tomar um café. Uma cadelinha, July, que estava deitada no canto da sala nos acompanhou até a cozinha. Estávamos gravando o áudio da conversa, mas decidimos parar nesse momento, não parecia apropriado. Ele nos fez algumas revelações sobre os dias de guerrilha, assaltos a banco e os confrontos de revólveres contra metralhadoras que tiveram com os militares. Depois de algum tempo, senti que a história estava chegando ao fim, então tive coragem de puxar o caderninho preto e fazer uma pergunta: “E se essa história voltar a se repetir?”.

Às vezes eu volto a escutar o áudio que gravamos.

Dívidas de outras vidas e amigos fantasmas

Médium fala sobre espiritismo, experiências pessoais, reencarnação e medo do desconhecido

RESUMO Após 14 anos de espiritismo, Martha Albuquerque, de 45 anos, conta sobre a doutrina. Sua mediunidade sempre foi aguçada e durante algum tempo participou da mesa mediúnica, psicografando. Ela também conta sobre a relação entre as complicações ao longo de sua vida e a reencarnação.

Depoimento a **CECILIA SIZANOSKI SANCHEZ**

A MEDIUNIDADE

Faz 14 anos que aderi ao espiritismo. Na infância, eu falava com os amigos fantasmas, famosos amigos imaginários. Eu ouvia eles falando, conversava com eles, mas para mim era muito natural. Não tinha medo. A minha avó às vezes dizia: 'Você tá conversando com quem? Cuidado, e se essas vozes te responderem?'. Mas pra mim elas respondiam sempre, né?

Quando era adolescente, eu tinha uma mediunidade muito desregulada, de ver e ouvir algumas vozes, de ter umas percepções de cheiro. Era como se eu tivesse visto um vulto e não sabia o que era isso. E quando falava: 'Ah, eu vi, alguém passou por ali', as pessoas diziam que é o diabo. E não é. É o irmão que tá ali só de passagem e você captou a presença dele.

Quando fui conhecer a doutrina espírita, percebi que era a mediunidade. Que todos os seres humanos têm um grau maior ou menor. Quando a gente estuda, descobre que não é bem um dom. Porque às vezes você tem muita dívida no passado e uma forma de você ajudar muita gente nessa vida é vir com a mediunidade mais aflorada. E a mesa mediúnica é uma forma de você estar exercitando isso, né, ajudando a atender outros espíritos.

A mesa mediúnica é onde médiuns, que têm um tempo de estudo da doutrina, participam. É onde você se prepara através da prece e da limpeza do pensamento para permitir que o espírito comunicante faça contato com teu perispírito. Onde os dois se encontram, passam a mensagem mental pra gente e vamos transcrevendo pra carta. Então comecei a estudar e lá eu psicografava. Parei de ver, mas conseguia me sintonizar naquele momento da concentração.

Uma coisa engraçada é que a gente tem medo, né? Mesmo sendo espírita. Você tá estudando, tá se habituando a entender que a vida continua e que a gente só troca de roupa. Mas aconteceu uma vez de a gente estar em um grupo de amigos saindo de um trabalho mediúnico, quando escutamos barulhos. Era perfeitamente natural o barulho, nós sabemos que os irmãos estão por aí, ainda mais no centro espírita, mas todo mundo se assustou muito e falaram: 'Vamos embora, chega de conversar por aqui. Estamos incomodando'.

Aí você se dá conta do quanto a nossa cultura ainda é de temer aquilo que não vê. Porque acho que é milenar, é cultural. Nós ainda vamos ter um longo trabalho para tirar esse medo, para agir naturalmente com o desconhecido.

REENCARNAÇÃO

Quando descobri o que era reencarnação e os propósitos de Deus, ficou muito claro para mim que Ele é muito pai, Ele é muito bondoso, muito amoroso. Ele nos dá oportunidades. Se a gente erra numa encarnação e se arrepende, depois tem uma nova oportunidade.

Eu tenho síndrome pós-pólio. Mas antes de descobrir foi um longo caminho. Fiquei de cadeira de rodas três vezes. Fiz 17 cirurgias orto-

pédicas só para consertar uma coisa que é degenerativa e progressiva. E para aceitar foi muito difícil, porque nessa vida não me recordo de nada [errado] que eu tenha feito, ainda mais porque tive a poliomielite com um ano e 4 meses.

Mas é simplesmente uma forma de resgatar o teu espírito de algo que foi além do que você tinha condições de aceitar. Não é uma punição porque é uma escolha minha. Deus permite que eu venha com uma dificuldade porque escolhi.

Possivelmente, quando desencarnei, fiquei uns anos no umbral e me arrependi de coração por ter feito [algum mal]. Quando fui para uma colônia espiritual, comecei a estudar e pedi permissão de vir com o problema que causei a alguém [na vida passada] para aceitar com resignação e me auto perdoar.

Na adolescência, eu era extremamente vaidosa e metida.. Você já pensou: eu, com as pernas perfeitas, corpo perfeito, podendo usar salto... Esse problema veio como um freiozinho, sabe? Como o medo é para a criança.

Foi difícil de identificar meu orgulho, só que com a leitura e o conhecimento você aprende a ouvir mais as pessoas. Não é porque, por exemplo, a minha filha tem 17 anos que ela não pode me ensinar alguma coisa. Ela pode ter 17 de idade, mas pode ter lá seus cem anos a mais de espírito do que eu.

Tenho muitos momentos felizes. Também tenho momentos tristes, tem uma medida de dor. São momentos. Não é aquela felicidade completa, porque a felicidade completa não é desse mundo. Mas eu me considero uma pessoa muito feliz, muito grata com o que eu tenho.

A gota d' água

Um dia de descanso e diversão que trouxe um episódio de desespero e angústia

Por Luisa da Costa Mattos Silva

Era 6 de setembro de 2011 e eu, não aguentando a ansiedade para minha primeira viagem de avião, me levantei da cama antes de todos. Minha família havia planejado passar o feriado em Campinas (SP), conhecendo a cidade e o parque aquático *Wet n' Wild*. Amante da natação e de novas aventuras, eu não conseguia pensar em outra coisa a não ser essa viagem. Terminamos de arrumar as malas e seguimos em direção à realização do meu primeiro sonho: entrar em um avião. Com o céu limpo, o trajeto foi calmo e me deixou maravilhada em poder observar tudo sob uma nova perspectiva. Chegando no hotel, descarregamos as bagagens e fomos conhecer melhor a cidade.

No dia seguinte, a animação tomava conta de mim, pois finalmente chegou o dia de ir ao parque. Naquela manhã de quarta-feira, Seu Cícero nos aguardava na saída do hotel. O céu estava aberto e o tempo muito abafado, as ruas de Campinas tomadas pelos desfiles do Sete de Setembro, e tudo saindo conforme o esperado. Seu Cícero, taxista que nos apresentou a cidade, levaria eu, meus irmãos e meus pais para o *Wet n' Wild*, na região metropolitana.

Todas as condições estavam favoráveis para uma tarde incrível: boa companhia, tempo ensolarado e todos de bom humor. O parque, apesar de lotado, nos animou ainda mais com seus brinquedos e atrações. Após algumas rugas na mão e muitas boias carregadas, decidi que iria descer o *Space Bowl* – tobogã fechado, em forma de redemoinho, que desembocava em uma profunda piscina. Para tanto, deveria ser acompanhada de um adulto, uma vez que ainda era uma criança. Convidei meu pai e encaramos a fila para descer no brinquedo.

Após meia hora de espera, estava na entrada do tobogã. O instrutor orientou que eu deveria ser a primeira a descer, e, em seguida, meu pai. Assim sendo, quando autorizada, desci pelo *Space Bowl*, e, com a adrenalina no auge, demorei a sair da piscina. Foi aí que vi meu pai descendo também. Quando ele desembocou onde eu o esperava, meu mundo congelou. Aqueles 10 segundos foram como horas eternas e assustadoras. Ele havia se afogado e, talvez por um descuido, o salva-vidas presente estava distraído.

Sem raciocinar uma solução rápida, resolvi que deveria agir. Assistindo àquela cena de angústia e desespero, juntei todas forças e experiências de natação que eu tinha e corri para tentar o ajudar. Com pouca capacidade de salvamento e cerca de 50kg a menos, somados a um enorme desespero e euforia, carreguei meu pai para fora da água. Somente então o salva-vidas percebeu o que ocorrera e foi ao nosso encontro. Naquele momento eu desabei. Foi como uma vida inteira passada em minha cabeça numa questão de segundos. Apenas quando meu pai voltou a falar, consegui recuperar meu fôlego. O alívio foi tanto que não consegui dizer palavra alguma. Corri para os seus braços e o abracei como se nunca o tivesse feito antes.

Depois de processarmos o que havia ocorrido, só conseguimos rir. Leve como uma pluma e ingênuo como uma criança, nosso riso nunca foi tão sincero. Um riso de vida e gratidão. A partir dali, seguimos mais unidos que nunca, lembrando a situação de uma forma divertida e inusitada, em que uma criança agira mais rápido que um salva-vidas e salvava um adulto. Situação essa que nos serviu de lição para estarmos atentos ao nosso redor, e, é claro, para nos mostrar que se não fosse por mim, nada seria dele.

Assalto a uma criança inocente

A vez em que um menino cometeu um crime que o marcaria por toda a sua vida

Por Thiago Fedacz Anastacio

Tristeza, angústia e arrependimento. É difícil pensar que uma criança por volta dos seus sete anos de idade possa sentir tais coisas. São sentimentos tão adultos, que não condizem com a alegria e a felicidade esperadas de um menino. Para entendermos melhor o que gerou essas emoções, será preciso voltar mais de dez anos no tempo, em uma época na qual Gugu Liberato ainda apresentava as lendas urbanas que me aterrorizavam todo domingo e *Hot N' Cold* era a música do momento.

A casa do criminoso e de sua família era simples e aconchegante. Ela era de madeira, possuía uma sala, uma cozinha, um banheiro e dois quartos. Em compensação a um interior pequeno, havia um jardim com um gramado que despertava a vontade de correr e rolar até cansar. Também existia uma garagem com buracos onde as rodas do carro repousavam. Para os meus pais essa falha poderia ser incômoda, mas para duas crianças com uma imaginação ilimitada eram obstáculos em uma pista de corrida super desafiadora, na qual triciclos coloridos eram carros potentes que garantiam sempre a vitória em cima dos adversários invisíveis.

Foi neste lar que cometi um crime do qual me arrependo e que sempre estará em minha memória. Eu e meu irmão éramos muito parecidos fisicamente, exceto pelo fato de eu ser um pouco mais alto e usarmos roupas iguais, mas com cores diferentes. Uma das vantagens de se ter um irmão é que você aprende desde cedo a saber dividir as coisas. Sempre que um doce ou uma comida incomum era comprada, a nossa mãe, uma mulher de cabelos curtos e que se mostrava ser muito forte, agia como uma juíza que repartia tudo igualmente. Entretanto, certa vez foi comprada uma variedade de

balas: havia desde Freegells sabor laranja com recheio de chocolate até balas de frutas, como abacaxi, coco e morango. A juíza de nossa casa bateu o seu martelo e estabeleceu a divisão dos bens. Para garantir, as balas de cada um dos envolvidos foram guardadas em gavetas diferentes do armário da nossa simples cozinha, que continha uma pia com um armário embaixo, uma geladeira, um fogão, uma mesa redonda de madeira com quatro cadeiras também de madeira e o armário de alimentos.

As guloseimas eram tão deliciosas que as ver chegarem a um fim era deprimente. Foi então que orquestréi uma estratégia que desafiaria o raciocínio mais engenhoso de Sherlock Holmes, um plano que faria Monsieur Poirot e Miss Marple baterem as suas cabeças para o desvendar: eu comencei a pegar os doces do meu irmão. Parece estúpido à primeira vista, mas para uma criança gulosa era um plano muito inteligente, digno de um episódio de "C.S.I.: Investigações Criminais". Toda vez que eu ia até a cozinha para me deliciar com mais um doce, eu o pegava da gaveta de meu irmão. Contudo, para não gerar suspeitas, era necessário sacrificar algumas balas minhas, pois o crime não poderia ser feito tão descaradamente.

Eventualmente, por conta de uma gula desenfreada, todos os meus doces acabaram. A tristeza presente em meu espírito infantil existiu devido à incerteza de quando novas fontes de açúcar iriam retornar ao nosso lar. Porém, o meu irmão ainda possuía algumas balas e ao ver o meu rosto tristonho perguntou alguns dias depois do início de minhas infrações:

– As suas balas acabaram? – questionou ele carinhosamente.

Eu assenti e ele disse:

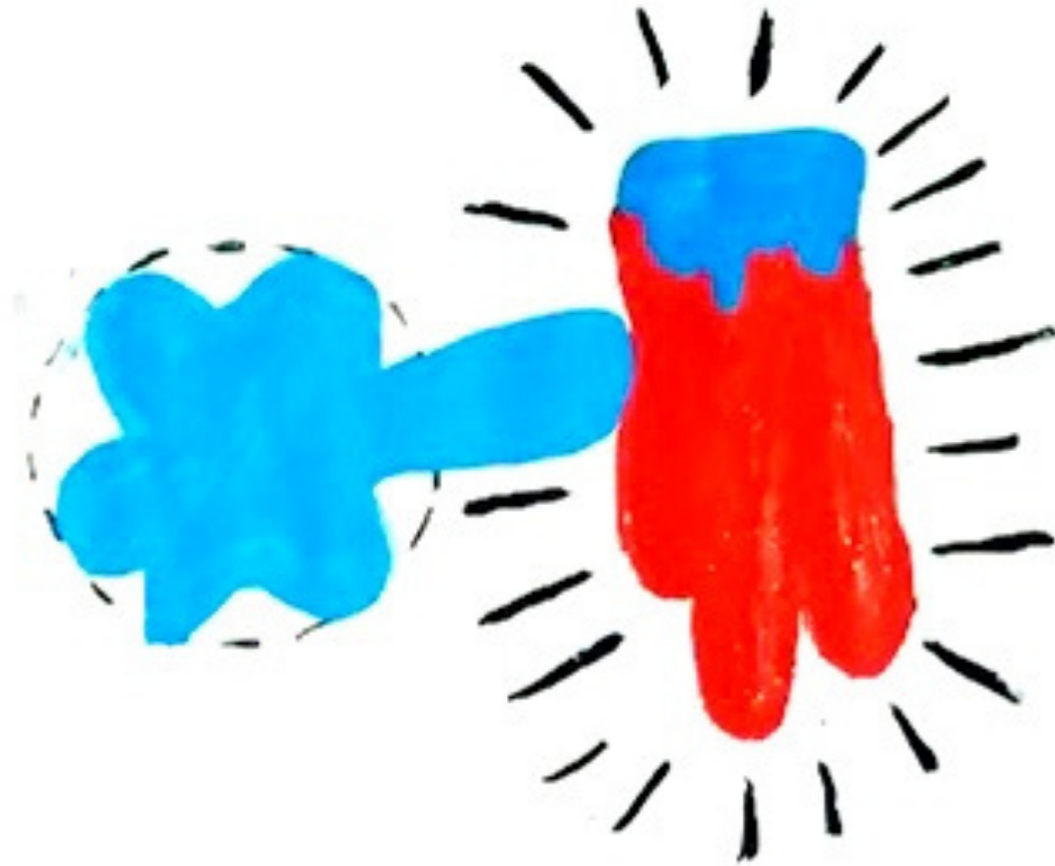
– Vou pegar uma bala de iogurte (é assim que chamamos as balas de frutas que podem ser mastigadas) para você.

No momento eu estava sentado à mesa sob a luz alaranjada da lâmpada e o vi se encaminhando à gaveta das delícias. Quando a abriu e percebeu que todas as balas de iogurte haviam acabado, ele me disse em tom entristecido:

– Ah, eu comi tudo.

A inocência de suas palavras e a generosidade de sua atitude fizeram com que um arrependimento forte pairasse sobre mim. A culpa surgiu e de repente toda aquela gostosura açucarada se tornou amarga.

Apesar do fato parecer bobo, houve consequências em minhas atitudes futuras. Era como se existisse uma dívida a ser paga. E foi assim que ocorreu: por muitas vezes: eu dava parte de meus doces a ele em uma tentativa de compensar um erro que meu irmão desconhecia. Isso ainda ocorre, talvez por eu não gostar tanto de guloseimas como ele ou quem sabe ainda estou pagando por uma dívida que nada tem a ver com balas, mas sim com a maldade cometida contra um inocente.



Conforme os roubos à
criança inocente
aconteciam, o que antes era
um círculo completo foi se
esburacando. Em um gesto
solidário, mesmo
esburacado, estendeu uma
parte de si para o irmão. A
inocência azul recebida
aos poucos foi derretendo
e virando o angustiante
vermelho. O garoto
emanava tristeza, angústia
e arrependimento.

A assombração de quatro paredes

Erguida sobre o vazio, uma casa inunda as almas de quem a habita

Por Paula Bulka Durães

Entro na sala. A televisão grita o desespero de uma cidadezinha mineira desolada pela lama. Piso descalça em um lamaçal frio e estremeço, percebendo, então, uma poça crescente escorrendo pelo piso laminado. Enquanto observo a água suja se espalhar, reparo uma umidade na parede que se transforma, rapidamente, em uma pequena catarata incontrolável que inunda o chão pouco a pouco. “A casa caiu”, penso.

A casa era bem simples de descrever, mas difícil de explicar. Sobre uma rua vazia, ela se erguia sozinha coberta por um muro alto, discreto e de tom frio. Quando o portão se abriu, uma surpresa: um lindo jardim e uma construção acolhedora nos abraçou desde a primeira visita. Naquele momento, eu não tive dúvidas: era ali que finalmente minha família encontraria paz. A paz veio, relutante, alguns anos depois, mas não sem antes atravessar muito sofrimento e desilusão.

Não demorou muito para que os primeiros fenômenos se alastrassem. A residência, que agora abrigava uma família, era cercada por um asfalto relativamente vazio, sem muito movimento, com a passagem ocasional de alguns caminhões. Entretanto, na avenida de cima, centenas de veículos vagavam descontroladamente em busca de seus destinos. Essa é a tão conhecida linha verde, importante obra curitibana que logo passou a escorrer em nossas vidas como aquela poça lamacenta. Escorreu tanto que, em poucos meses fez sua primeira vítima.

Nina, uma labradora de dez anos de idade, encarnou um estado depressivo desde o dia em que colocou as quatro patas naquela casa. Não tardou muito para que uma distração de meu pai ao deixar o

portão aberto culminasse no óbvio. O corpo da cadela suicida foi encontrado desfigurado em uma das pistas mais distantes da grande avenida. Em seu entorno, o sangue escorria rapidamente, afogando quem chegava por perto. O cadáver do que antes fora uma cachorrinha cor de caramelo ganhou seu próprio cemitério maldito. Ali, enterrada em um terreno baldio e presa pelo egoísmo de minha mãe que não sabia dizer adeus, Nina decidiu assombrar seus dias, fazendo aparições momentâneas, deixando-a soar como louca nas redes sociais, chorar escandalosamente e culpando cada um pela sua morte em vida.

A terceira vítima foi o pequeno Felipe que, aos cinco anos de idade, descobriu a tela do celular. E dela conheceu a tela da televisão, do computador e do tablet. Em uma sucessão progressiva, a criança desenvolveu uma fissura doentia por aquelas cores artificiais. Perdeu a vontade de correr, de brincar, de andar. Passou, então, os próximos anos de sua curta vida vidrado no seu vício, na sua própria cocaína. Chegamos então na quarta, mas não última vítima e, para isso, precisamos voltar ao início deste amaldiçoado conto.

Preso nos meus próprios assombros e vidrada naquele jorrar, vejo agora, pelo buraco do lustre, pequenas gotas e fios que, em poucos segundos, começam a se alastrar quase como uma cachoeira. Aquela cena de horror me faz gritar, bem alto, assistindo de perto a casa desmoronar. Meu pai, já nervoso, entra correndo no cômodo e, sem saber como agir, esbarra em tudo atrás de qualquer coisa que possa retardar o destino mais provável. A causa daquela enchente? A casa moderna e acolhedora, afinal, era velha e suja por dentro. Uma reforma mal sucedida anos atrás fez com que sua podridão fosse

camuflada por uma copa na cozinha e uma hidromassagem no banheiro. Mas, atrás daquelas paredes, uma umidade crescia dia após dia, e o mofo se alastrava pela respiração ofegante de quem ali habitava.

Depois de momentos angustiantes, a situação foi controlada. Mas a casa já não era mais a mesma. Já não soava bonita e acolhedora, e sim feia e pouco iluminada. Sobre o relevo vazio, ela se entortou e passou a ser uma pequena moradia atrofiada. Com a força que lhe restou de seus últimos dias de glória, conseguiu fazer mais uma vítima: meu pai. Cansado das loucuras da minha mãe e imerso em sua própria insanidade, o homem foi embora após um longo e nada caloroso divórcio.

E então, chegamos ao momento fatal. Eu, a única ainda não afetada por aquela estrutura, percebi que estava encharcada por dentro. No auge da minha adolescência, me posicionei como uma rolha, evitando todos os dias a água de se espalhar, motivada pura e simplesmente pelo meu egoísmo de querer manter a família de pé, mesmo que há muito tempo dissolvida. Porém, naquele dia a inundação se alastrou. Hoje, a casa torta não se ergue sozinha, mas ainda é um lar, mesmo que conturbado, para a minha, agora fragmentada, família.